

A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA EXPERIÊNCIA, EXPRESSÃO E PROCLAMAÇÃO DA FÉ

INTRODUÇÃO

A celebração litúrgica é o lugar, o tempo e o modo privilegiado da experiência, expressão e proclamação da fé da Igreja.

A pastoral da fé ou está intimamente relacionada e referida à celebração litúrgica ou deixa de ser evangelização para ser propaganda religiosa. A educação da fé está intimamente ligada à celebração da fé na liturgia, porque esta é a meta e a fonte de toda a acção da Igreja. Embora a Pastoral e a Liturgia sejam acções diferentes da mesma Igreja, elas nascem do mesmo Espírito que por meio da Pastoral conduz à fé, consolida a esperança e aumenta o amor, e por meio da Liturgia salva os que acreditam, os que esperam e os que amam. O Espírito Santo que actua nos agentes da pastoral é o mesmo que actua nos agentes da liturgia. É o próprio Cristo, Pastor e Liturgo, que chama à fé, mediante a conversão, e salva, mediante os sacramentos. A Pastoral é a actividade de Cristo Pastor, enquanto que a Liturgia é a actividade de Cristo Salvador. O objectivo da Pastoral é a conversão da vida a Cristo e o fim da Liturgia é a glória de Deus na vida e na salvação dos convertidos. A conversão e a salvação são dons de Deus nunca esgotados, mas sempre a adquirir pelo homem. Assim, a pastoral da fé conduz à celebração da mesma fé e esta requer de novo a pastoral para crescimento e consolidação da fé na vida cristã.

Convertido à fé, o cristão é convidado a fazer a experiência, a expressar e a proclamar a fé, celebrando o mistério pascal de Cristo que o chama da morte à vida. A experiência criará a necessidade de maior conversão e esta a necessidade de nova experiência, e assim

sucesivamente, a ponto de a Pastoral e a Liturgia se tornarem a fonte da vida cristã, princípio de progresso no conhecimento de Deus e amor ao próximo.

1 — A EXPERIÊNCIA LITÚRGICA DO MISTÉRIO PASCAL

1.1 — O homem e a experiência

“A experiência é um dos conceitos mais enigmáticos da filosofia” (K. LEHMANN, *Experiencia in Sacramentum Mundi*, 3. Herder (Barcelona 1973) col. 72). *“Nada há tão difícil de definir como a experiência”* (J. MOUROUX, *L'Expérience chrétienne*, ed Aubier (Paris 1952) p. 19). Porém, apesar do seu carácter enigmático, a experiência é uma das palavras mestras do pensamento do séc. XX. Ela resulta dum objecto real ou imaginário que se apresenta à sensibilidade respectiva com uma carga forte de atracção. A experiência é algo vital e faz parte da própria existência. O cristianismo partilha esta situação humana, hoje mais sensível à experiência do que no passado. A análise da Igreja feita pelo P. Rahner levou-o a profetizar que *“o cristão do futuro ou será um ‘místico’, ou seja, uma pessoa que ‘experimentou’ algo, ou não será cristão”* (K. RAHNER, *Espiritualidad antigua y actual* in *Escritos de Teologia*, VII, ed. Taurus (Madrid 1969) p. 25).

A experiência é um facto, uma necessidade e uma exigência do homem. O progresso das ciências e da tecnologia, a que o cristão não é estranho, levam-no a uma concepção de vida que ou é verificável ou é suspeita e falsa. Assim nasce a necessidade da experiência e a exigência da mesma. Porém, a experiência cristã pode ser feita a diferentes níveis, onde se podem distinguir vários tipos de experiência:

- *A experiência religiosa* do tipo das religiões naturais responde ao sentimento e necessidades religiosas do homem.
- *A experiência psicológica ou moral* cria uma sensação de bem estar e liberta o homem dum peso psicológico ou moral.
- *A experiência social* diz respeito à necessidade do encontro cíclico com o grupo religioso habitual.

- *A experiência estética*, normalmente relacionada com a música, cria no homem sensações emotivas que o levam a uma experiência do sagrado.
- *A experiência epidérmica ou emocional* transmite ao corpo as vibrações da alma.
- *A experiência mística* resulta dum influxo extraordinário de Deus no homem de modo a produzir uma experiência imediata de Deus e das coisas divinas por via do conhecimento e do amor (cfr. F. RUIZ, *Caminos del Espíritu*, ed. Espiritualidad (Madrid 1974) p. 449).
- *A experiência litúrgica* realiza-se sob três planos: pessoal, verbal e mistérico.
- *A experiência pessoal* é de relação e comunhão entre as pessoas da Trindade, a Igreja, a comunidade viva e a própria pessoa envolvida.
- *A experiência verbal* relaciona Deus e o homem por meio da Palavra. Jesus Cristo, enquanto Deus e homem, é a palavra de Deus ao homem e deste a Deus. Na oração Ele reza e é orado.
- *A experiência mistérica* é a do próprio Cristo que se dá em forma sacramental para ser tudo em todos.

1.2 — A experiência litúrgica

As celebrações litúrgicas são lugares privilegiados da experiência de Deus. Esta implica a acção litúrgica, enquanto epifania de Deus que se revela ao homem, que irrompe na sua vida e o converte a Si. A experiência litúrgica realiza-se por Cristo na unidade do Espírito Santo e é diferente em cada sacramento e em cada fiel.

A experiência litúrgica de Deus consiste em reconhecer e encontrar Deus através dos ritos e dos sinais sacramentais. Jesus Cristo é o autor e realizador desta experiência que teve o seu início na Encarnação: “*a Deus, ninguém jamais O viu. Um Deus, Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer*” (Jo 1,18). Cristo é o único meio de acesso a Deus: “*Quem Me vê, vê Aquele que Me enviou*” (Jo

12,45). Conhecer o Filho é conhecer o Pai: “*se Me conhecesséis, conheceríeis também Meu Pai. Agora ficais a conhece-l’O e já O visites... Quem Me viu, viu o Pai... Eu estou no Pai e o Pai está em Mim*” (Jo 14, 7.9.11). A mesma relação e identidade existente entre o Pai e o Filho é a que se estabelece entre a Trindade e o cristão: “*Quem acredita em Mim fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Pai. E tudo o que pedirdes em Meu nome, o hei-de fazer, para que o Pai seja glorificado no Filho*” (Jo 14, 12-14).

O acesso à experiência de Deus só é possível em Cristo, porque “*Deus permanece oculto na sua própria epifania*” (S. MÁXIMO, *Amb.*, PG 91, 1084 D). A presença de Deus pode muito bem receber o nome de ausência de Deus, porque “*quanto mais presente está Deus, mais oculto está também e mais misterioso na sua própria natureza*” (P. EVDOKIMOV, *A loucura do amor de Deus*, ed. Paulistas (S. Paulo 1979) p. 39). A presença é o rosto da ausência: “*Encontrar a Deus consiste em procurá-l’O sem cessar... Isso é que é verdadeiramente ver a Deus, nunca estar satisfeito de O desejar*” (S. GREGÓRIO DE NISA, *Nacrina*: PG 46, 97 A). A experiência perfeita da presença realiza-se mediante a união que transfigura o experimentado no experimentador.

A liturgia da Igreja descreve e celebra todas estas realidades. A experiência sacramental é uma experiência da ausência e da presença do divino invisível nos sinais que O tornam visível. A experiência do mistério pascal ou é uma experiência que envolve o crente e o configura com Cristo ou não é experiência. A experiência religiosa entra em crise quando a oração está em crise, e a liturgia partilha a crise da oração e da fé, dificultando, assim, a experiência religiosa. A grande preocupação da Igreja durante a reforma dos livros litúrgicos era a fidelidade à norma da fé. Alcançada a nova forma de oração, correspondente à fé, resta a fidelidade à norma da oração. A origem de muitos males neste capítulo remonta ao séc. IV, quando a Igreja abriu as portas aos povos que aderiam ao cristianismo sem a necessária conversão a Cristo. Desde então as reformas da oração foram sucessivas e visavam a reforma da Igreja. O religioso de fundo pagão e o religioso cristão conviveram durante séculos na liturgia da Igreja. Porém, o mesmo Espírito que conduziu a Igreja durante todos estes

séculos, continua presente nesta fase de renovação e de conversão ao cristianismo do fundo religioso de reminiscências pagãs. É naturalmente mais fácil ao homem ser religioso do que cristão, porque é mais fácil honrar a Deus com os lábios do que com o coração. Porém, a evolução do homem e das concepções de vida são irreversíveis, a ponto de o cristão do futuro ter de optar por se converter a Cristo ou por abandonar a vida cristã. O crescente número de abandono da prática religiosa está relacionado com a não conversão a Cristo e a crise do homem como ser religioso. A prática religiosa não é considerada necessária ao homem que não se converteu a Cristo. Só a experiência da fé pode realizar no cristão a conversão do coração.

1.3 — A experiência da presença litúrgica

A experiência só é possível mediante a presença. A experiência litúrgica acontece quando o homem, por meio de Cristo, se torna presente ao Pai. A falta de experiência de Deus nas acções litúrgicas fica a dever-se à falta de presença do homem no encontro com Deus. Muitas das nossas celebrações ainda são para cumprimento do preceito, segundo o costume tradicional, familiar e social. Jesus denunciou esta situação do culto, recordando o que já antes havia dito por meio de Isaias 29,13: “*Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está bem longe de Mim*” (Mc 7,6). O culto cristão nasce do coração que procura a Deus e realiza-se na alma, onde Deus habita. Este culto só é possível em Cristo que inaugurou o novo culto e instituiu as novas formas de presença. A humanidade de Cristo foi o instrumento da nossa reconciliação e nela se nos deu a plenitude do culto divino (cfr SC 5).

Para realizar e perpetuar a obra da redenção “*Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro, quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala*

ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta” (SC 7). Para além destas presenças, deve considerar-se “a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens” (SC 7).

A consciência cristã desta realidade de fé é suficiente para que durante a celebração litúrgica aconteça a experiência de Deus, em maior ou menor grau, segundo a fé e o amor. O reconhecimento de Cristo, presente na comunidade reunida, não pode deixar de mover os corações dos participantes: assim nasce a experiência da presença. E enquanto que esta nunca sacia a alma, porque diz respeito à fé e ao amor, a experiência do cumprimento dum dever tende a saciar o espírito, porque diz respeito à lei e à obrigação.

As celebrações litúrgicas do futuro ou serão celebrações de fé, onde se faz a experiência do mistério pascal de Cristo, ou não serão celebrações, por falta de conteúdo e participantes.

1.4 — A pedagogia litúrgica da experiência da presença

As celebrações litúrgicas estão ordenadas de modo a realizarem no crente a obra da redenção. Esta é apresentada, descrita, oferecida, acolhida ou rejeitada. Todas as celebrações possuem uma estrutura dinâmica que ajuda os fiéis a penetrar no mistério pascal de Cristo, para com Ele morrerem e ressuscitarem para uma vida nova e eterna.

Todas as celebrações começam com a proclamação da presença trinitária no sacramento da comunidade reunida em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. No caso da Missa a assembleia aclama e descreve o mistério: *“Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”*. A consciência de ser Corpo de Cristo num corpo pecador conduz ao acto penitencial, mediante o qual se realiza pela fé e pelo amor a configuração com Cristo. Segue a oração em que o crente faz a experiência de filho de Deus, dirigindo-se ao Pai por Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo. Ao movimento orante do filho em direcção ao Pai, segue a proclamação da palavra do Pai, por intermédio do

Filho. Para que o mistério da encarnação se perpetue na Igreja, como no seio de Maria, a palavra proclamada, ao encontrar eco favorável no coração do crente, faz-Se Carne na Eucaristia e ganha corpo a crescer no coração de cada um. Este corpo de Cristo, que começou por ser a palavra criadora de Deus, tal como foi gerado e dado à luz por Maria, assim o deve ser nas palavras, nas obras e na vida de todos os que o acolheram na celebração que realiza o que significa. Esta experiência não é um sonho bonito de ficção espiritual, mas uma realidade na vida da Igreja, como o atestam muitos dos seus ilustres membros. De facto, as grandes experiências de Deus tiveram lugar ou estão relacionadas com alguma celebração litúrgica, particularmente a Eucaristia.

Cada celebração litúrgica é um lugar, um espaço e um modo de fazer a experiência de Deus e do mistério pascal de Cristo. Para que tal aconteça, e porque a experiência é um dom de Deus, é preciso deixar-se conduzir pelo pedagogo e realizador do encontro salvífico. É preciso entrar no mistério, saindo à procura de Deus, para que Ele possa entrar e tomar posse do Eu da pessoa que O experimenta. Assim se realiza a experiência do mistério pascal que S. Paulo descrevia com estas palavras: “*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*” (Gal 2,20).

1.5 — Os efeitos da experiência do mistério pascal

Nenhuma criatura pode ficar indiferente perante uma experiência de Deus. Toda a experiência é uma iluminação ou visão sensível, real ou imaginária que imprime no humano a presença do divino. O dom da experiência, iluminação ou visão é em ordem a uma missão: a conversão pessoal e comunitária a Cristo. Os efeitos da experiência não se podem ocultar na vida: fazem parte do património espiritual e humano da pessoa e determinam o seu modo de viver.

A experiência do mistério pascal de Cristo imprime no contemplado os sinais da paixão, morte e ressurreição de Cristo e configura-o com Ele de modo a sentir na própria carne o que significa ser filho de

Deus. As relações com Deus e com os homens passam a ser caracterizadas pela experiência da presença e da acção de Cristo, sem as quais não é possível a vida cristã.

A pastoral da fé nasce precisamente da experiência do mistério pascal. Há muitas pastorais que não são da fé, porque não nascem da experiência da fé que não se vive nem se celebra, e que por vezes não se tem. Cristo realizou a sua missão salvífica no encontro orante com o Pai, no encontro pastoral com o povo e na celebração do sacrifício da Cruz.

A oração — celebração da fé é a alma da pastoral da fé e esta é o corpo e a verdade da celebração. Ambas actividades fazem parte do mesmo plano de salvação, não podendo subsistir uma sem a outra. A liturgia e a pastoral ora vivem muito fechadas em si mesmas, ora se invadem mutuamente, quando deviam relacionar-se pelo dinamismo interno do Espírito que nelas actua para conduzir os fiéis de uma a outra sem cessar, como exigência das mesmas. Quando a celebração não conduz à pastoral e esta não nasce nem conduz à celebração, devemos reconhecer que falta em ambas o elemento fundamental que é a fé e que nessas circunstâncias a celebração não passa de um teatro sagrado e a pastoral não vai além de propaganda religiosa.

2 — A EXPRESSÃO LITÚRGICA DO MISTÉRIO PASCAL

O objectivo essencial da fé é o mistério pascal — sacramento da redenção: Jesus Cristo morto e ressuscitado. As celebrações litúrgicas são expressão do mistério pascal, através dos sinais sensíveis, pelos quais se alimenta, robustece e exprime a fé (cfr. IGMR 5). Todos os ritos, gestos, palavras e atitudes da Igreja em oração têm por objectivo a expressão e a tradução visível do objecto essencial da fé: o mistério pascal.

2.1 — Jesus Cristo é o mistério pascal

A expressão litúrgica tão repetida de “mistério pascal” tem tanto de mistério como de sacramento. Significa a celebração da passagem

de Cristo deste mundo ao Pai, através da morte e ressurreição. Antes de realizar a Sua Páscoa, Cristo instituiu o seu memorial, para que se perpetuasse até ao fim dos tempos. A Páscoa é a passagem de salvação, e a celebração do mistério pascal é a expressão litúrgica desta realidade perpetuada por Cristo na Igreja. Jesus Cristo é o mistério pascal. A sua celebração não pode deixar de O expressar, porque é Ele próprio que celebra.

2.2 — As dificuldades da expressão litúrgica

As dificuldades da expressão litúrgica são as mesmas da experiência e da proclamação. Todas dizem respeito à fé e à sua celebração. A celebração da fé usa uma linguagem que só pode ser entendida pela fé e pelo amor. Sem fé e sem amor não é possível uma celebração litúrgica verdadeira, porque a expressão litúrgica não se consegue só com o cumprimento fiel das normas dos livros litúrgicos, mas supõe a vivência espiritual do acontecimento salvífico. Uma leitura litúrgica da bíblia só pode expressar a palavra viva do Deus vivo e actual quando a sua proclamação vocal for produto do coração do homem, como o é do coração de Deus. Cada palavra da Escritura tem uma história de amor que a proclamação litúrgica deve expressar. Para tal o leitor terá de ser um crente, um convertido e comprometido com Deus: um outro Cristo, por cuja boca Deus continua a expressar os sentimentos mais profundos do seu coração divino e humano. É nesta medida e neste sentido que certos escritos anteriores e posteriores a Cristo passaram a fazer parte das Sagradas Escrituras. De tal modo os seus autores viveram unidos a Deus que revelaram aos homens a vida, as palavras e o sentir de Deus. Todos eles partilharam a sorte de Cristo, a Quem se associaram na vivência do mistério pascal. Cada palavra da Escritura, pronunciada antes ou depois de Cristo, é fruto duma história de amor que cada leitor deve expressar, para que seja verdadeiro nas palavras do Deus vivo que nele se torna presente.

Por tudo isto vemos quão distante se encontra a prática da verdade. A expressão litúrgica do mistério pascal é pobre, não tanto pela

pobreza dos sinais e da linguagem que o próprio Deus escolheu, como pela pobreza dos sentimentos humanos, porque o mistério pascal não é uma expressão literária, mas o próprio Cristo que partilha conosco a nossa humanidade, afim de nos fazer partilhar a Sua divindade. A dificuldade da expressão litúrgica não é, pois, uma questão de técnica, mas de fé e de vida, que ou nascem da vivência do mistério pascal ou não são cristãs, por mais religiosas que se apresentem.

2.3 — A expressão verbal do mistério pascal

A palavra é o meio mais usado na expressão do mistério pascal. Expressam-na a palavra das leituras, das orações, aclamações, cânticos e outros textos da liturgia. Cada texto litúrgico expressa um aspecto particular do mistério pascal.

O leccionário, quer da Missa, quer das outras celebrações litúrgicas, constitui a expressão mais perfeita do mistério essencial da redenção nas fases de anúncio no AT e de realização no NT. Na liturgia da palavra é o próprio Deus que descreve com palavras da linguagem humana o mistério do retorno do homem a Deus, que deseja a conversão e a salvação de todos. Esta forma de expressão verbal é limitada e pobre, não pela sua origem divina, mas devido à situação humana que o pecado limitou e empobreceu, incapacitando o homem para uma compreensão perfeita do mistério pascal. A Sagrada Escritura é a revelação do amor de Deus, mas porque se trata de um amor louco, só um amor louco poderá penetrar, através das palavras, nas profundidades do mistério pascal. Esta situação foi descrita por S. Paulo: *“Já que o mundo com a sua sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os crentes por meio da loucura da pregação. Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos buscam a sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios”* (1 Cor 1,21-23).

A linguagem da Escritura corre sempre o risco da incompreensão e da indiferença por ser a descrição duma loucura divina que só um convertido poderá compreender. Humanamente falando a expressão litúrgica do mistério pascal é uma loucura. O pecado tornou antagó-

nicos os interesses de Deus e do homem: assim se compreende o desinteresse pelo conteúdo da expressão verbal das leituras bíblicas. Mais interesse se dedica à comunicação social, tecnicamente mais perfeita na sua apresentação, do que à comunicação divina contida na palavra das Escrituras. O cristão é mais sensível às injustiças humanas descritas pelos jornais do que às descritas pela liturgia da palavra. Impressionamo-nos mais com uma visita ao Hospital do que com a celebração do mistério da morte e ressurreição de Cristo, que explica e dá solução a todos os males humanos.

Outra expressão verbal importante é o texto da oração litúrgica. Ela expressa a fé e a compreensão da Igreja acerca do mistério pascal, a partir da escuta atenta da palavra de Deus e da vivência e experiência humana que os santos fizeram do mistério pascal. A capacidade expressiva das orações é limitada pela sua formulação, escuta e participação. As orações não são fórmulas perfeitas quando são tecnicamente bem proferidas, teologicamente correctas e religiosamente escutadas, mas quando as palavras brotam dum coração convertido, que vai produzindo sentimentos sempre novos, expressos em palavras da linguagem corrente. Porém, as nossas celebrações apresentam-se muitas vezes como o ler e o escutar o livro. A formulação, a escuta e a participação contradizem muitas vezes o conteúdo dos textos e reduzem a celebração a uma cerimónia.

As aclamações litúrgicas são verdadeiras expressões verbais do mistério pascal, p. ex.: “*Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo*”, “*Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre*”, e sobretudo a aclamação anamnética, “*Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus*”. A familiaridade com estas expressões em lugar de conduzir a uma maior profundidade do mistério, degenera, normalmente, numa expressão de ritual a cumprir ou de desfecho conclusivo. As aclamações nos diálogos não traduzem a ideia dialogante da celebração. As aclamações finais, quer das leituras, quer das orações, mais traduzem a ideia do “*felizmente já acabou*” do que a expressão proclamativa do acontecimento.

A expressão litúrgica do mistério pascal está muito ligada à forma verbal que o celebra. A palavra na liturgia partilha a capaci-

dade criadora da palavra de Deus para anunciar e realizar o mistério pascal. Esta forma de expressão deve ser cuidada na escolha das palavras, na sua dicção clara e na audição atenta.

2.4 — A expressão mímica do mistério pascal

Os gestos, os sinais e outras atitudes litúrgicas são expressões mímicas do mistério pascal. Normalmente ilustram a palavra e ajudam-na a exprimir-se melhor. Há gestos, sinais e atitudes que estão conotados com a palavra ou momentos da celebração (p. ex. a invocação da Trindade e o sinal da Cruz, o silêncio no rito de entrada da Sexta-Feira Santa, a imersão ou infusão na água baptismal). Em certos casos (p. ex. nos surdos e mudos) é possível a expressão celebrativa do mistério pascal só por gestos, sinais e atitudes. Estes partilham com a palavra a capacidade criadora de Deus que neles actua (p. ex. nos gestos da imposição das mãos sobre as oblatas, sobre os penitentes, sobre os sacerdotes na ordenação). Há sinais que são a matéria do mistério pascal (p. ex. o óleo das unções sacramentais e o pão da eucaristia). Há atitudes que afirmam ou negam a verdade da celebração por parte de quem as toma. Alguns exemplos negativos: ir à Missa sem querer comungar, ir confessar-se sem querer dizer os pecados, rezar as orações da devoção pessoal durante a liturgia da palavra, permanecer indiferente e distraído durante a oração eucarística. Porém, será uma atitude positiva o modo de estar e caminhar durante a celebração, quando condizente com o acontecimento do momento.

Todos os gestos, sinais e atitudes litúrgicas são fruto duma iniciação, sem a qual não podem expressar o conteúdo do mistério, apesar da propensão natural dos mesmos (p. ex. o pão como alimento, o óleo como unção, a água como purificação, a inclinação como atitude humilde de quem pede ou acolhe, o abraço da paz como gesto de reconciliação). As expressões mímicas requerem uma catequese litúrgica mais cuidada, devido a uma maior dificuldade de integração nas formas de expressão pessoal da celebração da fé, mas sobretudo devido ao significado sacramental ou celebrativo susceptível de outras

interpretações (p. ex. o beijo que o bispo dá ao neo-sacerdote ou o beijo familiar numa cultura que rejeite tal gesto). A liturgia celebra o mistério pascal com uma linguagem que o deve expressar. Essa linguagem expressiva depende da cultura e da fé, e como tal deve ser objecto da pastoral da fé, em ordem à sua celebração.

2.5 — A expressão artística do mistério pascal

A arte é uma das mais nobres actividades do espírito humano. Serve para exprimir a infinita beleza de Deus e para conduzir o espírito do homem até Deus (cfr SC 122). Todos os elementos usados pela liturgia deviam estar revestidos da expressão artística, a fim de melhor exprimirem o mistério pascal. Entre os elementos artísticos mais importantes pelo seu contributo à expressão litúrgica salientamos a estrutura arquitectónica da Igreja que deve ser a expressão da assembleia — corpo de Cristo reunido. O baptistério, onde os homens são gerados para Deus, é outro elemento importante e deve exprimir o mistério pascal da passagem da morte à vida, através da água e do Espírito. O altar, o ambão e a sede do presidente devem exprimir o que neles acontece. As alfaias litúrgicas sejam dignas de Cristo que delas se reveste na pessoa do ministro. Os livros litúrgicos, as velas e as imagens devem evocar e exprimir o que por elas é significado. A luz, as flores e o ambiente arrejado embelezam o espaço e tornam-no mais expressivo e propício ao encontro de Deus com o homem. E por fim a serva humilde que presta tão importantes serviços à liturgia: a música que une e envolve todos os elementos na proclamação do mistério pascal. Ela canta a obra da criação que na liturgia se apresenta bela, porque revestida de Cristo, e celeste pelas realidades que evoca.

2.6 — A expressão celebrativa do mistério pascal

A expressão celebrativa resulta do bom funcionamento das expressões litúrgicas que integram e fazem a celebração. Celebrar o

mistério pascal não é ler, dizer ou fazer um rito prescrito, mas tornar presente no sacramento a salvação oferecida por Deus aos homens na morte e ressurreição de Cristo. A expressão celebrativa é a vida do Ritual que regula a celebração e supõe a humanização do rito e das rubricas. A humanização é fruto da actividade do coração e da relação amorosa com o objecto celebrado. Uma das carências graves da nossa sociedade é a humanização da vida, situação que se reflecte nas celebrações litúrgicas. A indiferença de muitos cristãos perante a vida humana nasce da indiferença perante a vida divina. A indiferença verificada na proclamação e audição da palavra, nos diálogos e na participação sacramental, vai encontrar-se também na indiferença perante a angústia, a fome e o desespero humano.

As celebrações litúrgicas são escolas de educação da fé no mistério pascal, onde se celebra a morte e a ressurreição de Cristo para vida dos homens. O relacionamento com os sinais, gestos e símbolos da liturgia, quando é fruto duma relação amorosa com Deus que neles se torna presente, cria a expressão celebrativa. Esta revela o conteúdo do mistério celebrado: é Cristo que fala nas leituras e se dá na Eucaristia, é Cristo que escuta e perdoa na Penitência, é Cristo que é escutado e recebido nos sinais sacramentais. A presença de Cristo na liturgia é confirmada pela expressão imprimida à celebração. Esta é verdadeira quando realiza na Igreja o que aconteceu em Cristo, porque o que na vida de Cristo era visível passou para os sacramentos. As celebrações litúrgicas devem, ainda, realizar na vida o que significam no rito, para serem expressão verdadeiramente celebrativa do mistério pascal.

3 — A PROCLAMAÇÃO LITÚRGICA DO MISTÉRIO PASCAL

3.1 — A liturgia proclama a fé

A proclamação é o anúncio público feito com solenidade e em voz alta. A liturgia é a proclamação pública, solene e em voz alta da fé da Igreja. Enquanto actividade da Igreja orante, a liturgia apresenta-se

como acção do próprio Cristo que prolonga no tempo a obra da redenção. A oração da Igreja é acção de Cristo e como tal é objecto e norma de fé. A norma da oração determina a norma da fé na medida em que a oração é o corpo da fé e esta a alma da oração. Para a Igreja a oração e a fé caminham juntas: não se podem separar. Por este motivo, quando os candidatos ao Baptismo se apresentam à Igreja e esta os interroga sobre o que pretendem da mesma, o Ritual prevê como aceitável um dos sinónimos: a fé, o baptismo, a graça de Cristo, ser admitido na Igreja ou a vida eterna. Toda a celebração litúrgica, desde o sacramento do Baptismo, à própria Liturgia das Horas, é uma proclamação da fé que é celebrada para ser vivida.

Os textos, os ritos e as diversas celebrações são modos diferentes de expressar a vivência da fé nas diferentes circunstâncias da vida, desde a entrada na Igreja à entrada na glória celeste.

A explicação profunda de que a liturgia proclama a fé encontra-se na concepção da acção litúrgica como acção de Cristo. Enquanto acção de Cristo, a liturgia proclama a fé que salva pela adesão a Cristo salvador e apresenta-se como norma de fé, já que não há salvação fora de Jesus Cristo.

3.2 — A proclamação essencial da liturgia

A proclamação essencial da liturgia é o mistério pascal de Cristo e corresponde ao núcleo da mensagem cristã: Cristo morreu, ressuscitou e foi constituído por Deus Kyrios — Senhor. A celebração e a pastoral da fé coincidem na proclamação do mesmo mistério de salvação. A pastoral anuncia, inicia e conduz à salvação que a celebração realiza. Por sua vez, a celebração encaminha para a pastoral, e assim se estabelece um equilíbrio dinâmico e dinamizador da vida cristã.

As relações entre a pedagogia pastoral e a liturgia não são as melhores a nível vivencial. Porém, assiste-se a uma convergência de esforços, quer a nível do pensamento teológico, quer a nível da acção pastoral, no sentido de colocar em sintonia a liturgia e a pastoral como actividades afins. Em ambas a Igreja realiza a missão que lhe foi

confiada por Cristo: “*Ide fazer discípulos de todas as nações, baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei. E Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos*” (Mt 28, 19-20). A presença de Cristo é garantida à Igreja no exercício do seu ministério litúrgico e pastoral: “*baptizai-os... e ensinai-os a cumprir tudo quanto vos mandei*”. O conteúdo da liturgia e da pastoral é o mesmo: Jesus Cristo.

Esta Semana de Pastoral Litúrgica pretende dar o seu contributo à Pastoral da fé. A educação da fé diz respeito à Liturgia enquanto educadora da fé em ordem à sua celebração, mas também a Liturgia diz respeito à Pastoral a quem deve educar em ordem à sua vivência cristã. É legítimo que a pastoral se interroge sobre a liturgia que a Igreja precisa, como também é legítimo interrogar a liturgia acerca da fé que a Igreja celebra, de modo a haver convergência entre a norma da oração e a norma da fé. Enquanto se procedia à reforma dos livros litúrgicos, o Magistério da Igreja recordava com insistência a norma da fé vivida pelo povo de Deus, de modo a não ser traída pelos textos da liturgia. Passados alguns anos, o êxito da liturgia renovada surge como um apelo à contínua renovação da Igreja que se deve apresentar diante de Deus e dos homens com um novo rosto, mais divino e mais humano, mais contemplativo na acção apostólica e mais dinâmico no ministério litúrgico.

3.3 — O conteúdo do mistério pascal na proclamação litúrgica

O conteúdo do mistério pascal corresponde à obra da nossa redenção, prefigurada no AT, iniciada na encarnação, realizada na ascensão e levada à plenitude na glória. As celebrações litúrgicas são a melhor proclamação do mistério pascal. Proclamam-no as leituras, as orações, as aclamações, os cânticos, quer dos sacramentos, quer da liturgia das horas. Em cada celebração e tempo litúrgico a Igreja proclama ora um aspecto, ora a totalidade do mistério pascal. Este não se reduz à Páscoa, mas já se encontra presente no Natal e em todo o ano litúrgico.

No Advento a Igreja prepara-se para “*as solenidades da nossa salvação*” (Col Dom III Advento) e ao Natal chama-se “*dia que deu início à nossa salvação*” (Pc Dom IV Advento; cfr So Vigília de Natal). O nascimento de Jesus é o início e a plenitude do nosso encontro com Deus (cfr Col 31 Dez) e este misterioso encontro que nos redimiu (cfr Pref III Natal) é realizado na celebração do mistério pascal que é alimento e bebida (cfr Pc Vigília de Natal), sacrifício em que se resume toda a verdadeira religião (cfr So 23 Dez). A Igreja celebra o Natal comungando a Páscoa do Senhor na celebração eucarística: “*todas as vezes que celebramos o memorial deste sacrifício, realiza-se a obra da nossa redenção*” (So Dom II TC). A obra da salvação cresce em nós todas as vezes que celebramos o mistério pascal (cfr Pc Dom XV TC), também chamado “*eucaristia*”, “*sacrifício da redenção humana*” (So 4 f. Oitava Páscoa), “*acto sempre renovado da nossa redenção*” (cfr So Sab Oitava Pásc. e So 3 f. Sem II Pásc.), e “*sagrado banquete da nossa redenção*” (Pc 4 f. Sem V Pásc.).

A acção do mistério pascal tem o seu início no Baptismo, onde o crente morre para o pecado e é sepultado com Cristo para com Ele ressuscitar para uma vida nova (cfr Bênção Água baptismal e Ren. das Prom. do Bapt.). O crente é regenerado no mistério pascal e a natureza humana é restaurada graças ao mistério da encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Cristo ao Céu, como reza a Igreja:

*“Nascendo entre os homens, Ele fez renascer a humanidade;
com a Sua morte, destruiu os nossos pecados;
com a Sua ressurreição, conduziu-nos à vida eterna;
e na Sua ascensão, abriu-nos as portas do Céu”* (Pref. IV T. C.).

Este é o conteúdo do mistério pascal e a salvação nele contida. Celebramos o mistério pascal para tomar posse da salvação, como reza a Igreja:

*“Enquanto cumprimos nestes mistérios o nosso serviço sacerdotal,
operai em nós a nossa redenção”* (Col 4 f. Sem VII Pásc.).

O mistério pascal é dom do Pai que se dá no Corpo do Filho e na comunhão do Espírito Santo, como reza a Igreja:

*“Esperamos gozar da Páscoa eterna,
porque temos as primícias do Espírito
que ressuscitou Jesus Cristo de entre os mortos” (Pref VI T. C.)*

e ainda:

*“Os vossos sacramentos, Senhor, realizem em nós o que significam,
para entrarmos um dia na posse plena do mistério celebrado
por meio destes ritos” (Pc Dom XXX T. C.).*

CONCLUSÃO

A linguagem da fé celebrada na liturgia e proclamada na pastoral devem nascer do mistério pascal de Cristo, centro dinamizador da história da salvação. Este teve o seu início histórico na revelação de Deus ao homem e terá a sua continuação na experiência que o homem faz de Deus na liturgia e na vida. A experiência de Deus chama-se Jesus Cristo e realiza-se essa experiência quando acontece o encontro, seja ele na celebração litúrgica, seja na acção pastoral, na vida do claustro, nos fervores da juventude ou na última esperança da vida. Desta experiência de Deus nascem os mestres da fé que podemos encontrar nas celebrações litúrgicas, no ministério pastoral, na vida escondida e silenciosa dos claustros, na opção dos jovens por Cristo através da vida matrimonial ou da vida religiosa e consagrada. As diferentes experiências do mistério pascal dão origem às diferentes expressões e proclamações da fé na vida da Igreja. O sacerdócio, a vida matrimonial e a vida religiosa são expressões da experiência do mistério pascal.

As celebrações litúrgicas estão na origem e são o objectivo de toda a pastoral da fé em ordem à vivência cristã. O povo de Deus celebra a fé para experimentar o que deve testemunhar, para expressar o que deve acreditar e para proclamar o que deve viver.

Fátima 17 de Setembro de 1985

Fr. PEDRO FERREIRA, OCD